

Trabalho doméstico: vínculos e desvinculações familiares entre atravessamentos de colonialidade do poder e atuação sindical¹

Maysa Luana Silva²

Propõe-se apresentar uma discussão das particularidades das relações que envolvem os padrões/as, (as) trabalhadoras domésticas e suas famílias de origem. O estudo parte das etnografias de negociações e rescisões de contratos de trabalhadoras domésticas, intermediadas no âmbito do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pelotas.

O desenvolvimento desta pesquisa se deu com o projeto de extensão “Trabalho Doméstico: Direitos e Cuidados na Atualidade” do departamento de Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. Sendo que a inserção em campo iniciou a partir do Projeto de Implantação do Museu de Antropologia e Arqueologia da UFPel (MUARAN), através dos resultados das oficinas realizadas com as trabalhadoras domésticas na cidade de Pelotas. Essas oficinas deram origem a exposições itinerantes pela cidade de Pelotas com a temática: Trabalho Doméstico, Escravidão e Sindicato.

A inserção sindical, no que diz respeito a esse trabalho, deu-se através do interesse em refletir sobre a militância e atuação das trabalhadoras junto ao Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pelotas, no qual questões familiares que permeavam a vida destas mulheres me faziam buscar vias em que eu pudesse problematizar e discutir com elas através de interlocuções e entrevistas.

As reaproximações entre a trabalhadora doméstica e sua família de origem foram temas que surgiram no momento das rescisões (rompimento de contratações

¹ Trabalho apresentado no GT03 – Família como categoria epistemológica.

² Graduanda na Universidade Federal de Pelotas em Antropologia Social e Cultural / e-mail: maysaluan93@gmail.com.

trabalhistas), em que alguns familiares das trabalhadoras participaram destas negociações.

A história de vida destas mulheres também é essencial para avançar no entendimento das questões de gênero, classe e raça entre trabalhadoras domésticas. Dessa forma, questionar o que circula através desses afetos no trabalho doméstico nos possibilita apresentar novas configurações sobre afetos e conflitos neste cenário de relações entre família, trabalho e militância.

As etnografias apresentam-se como escrita teórica, por nos possibilitar a compreensão e significativas reflexões sobre os casos, pois nestes momentos de negociações, onde se descortinam as relações de poder no trabalho, observamos as particularidades em contexto.

Foram realizadas etnografias das negociações de rescisões de contratos de trabalho entre domésticas e patrões (as), na qual eu acompanhei como “colaboradora” (estagiária) no Sindicato. Juntamente a essa ferramenta foram realizadas entrevistas com algumas empregadas domésticas da terceira idade, evidenciando uma experiência geracional. Busquei olhar para estes casos não só na perspectiva individual, já que nas entrevistas lidamos com o discurso, que pode ser limitador em muitos aspectos (FONSECA, 1999). Por isso, o acompanhamento das rescisões possibilitou outras perspectivas de análise, diante da observação do comportamento dos empregadores e empregadas - em alguns casos acompanhados pelas famílias - no Sindicato das Trabalhadoras Domésticas.

“O que a mãe disse pra ela foi: eu não tenho um palácio, mas tu podes juntar tuas coisas e vir morar com a gente.” (Isis, sobrinha de Dona Silma)

Também foram realizadas entrevistas com trabalhadoras de terceira idade, que trabalharam em torno de 30 a 80 anos para uma só família, contatadas no acompanhamento dos processos de rescisão. A proposta, aqui, é discutir, como se estabelecem as reaproximações com a família de origem da trabalhadora, em razão da impossibilidade desta mulher continuar trabalhando na casa da patroa por motivos de

envelhecimento e/ou saúde ou conflitos. Concomitantemente ao tensionamento dos vínculos de trabalho e afeto entre patroas e trabalhadoras domésticas, estes momentos de rescisão do contrato de trabalho também podem significar reaproximações com a família das trabalhadoras, em razão de possíveis afastamentos que aconteceram ao longo da vida, consequência de residir no trabalho, de “ser parte da família das patroas”. As reaproximações entre a trabalhadora doméstica e sua família de origem foram temas que surgiram no momento das rescisões, em que alguns familiares das trabalhadoras participaram destas negociações.

A fundamentação teórica parte, sobretudo das contribuições de QUIJANO (2005), o qual situa a família como instituição nos moldes da colonialidade do poder, sendo a família burguesa, aquela que está sobre o controle da autoridade. Simultaneamente, a discussão deste trabalho tem o intuito de trazer a temática das relações entre trabalhadoras domésticas e patrões/as visando propor a atualização destes estudos: “Os estudos de parentesco, em geral, deixaram ocultos, muito menos se preocuparam em trazer questões do âmbito doméstico” (CARSTEN, 2004: 85).

Questões de afeto e desigualdades que permeiam o trabalho doméstico são problematizadas por BRITES (2000), que apresenta as ambiguidades das relações de afeto dentro do estabelecimento clientelista das relações de trabalho presentes na profissão. Questões que se evidenciam na experiência desta geração de trabalhadoras. Para discutir pontos que envolvem as transformações e desafios atuais da profissão, me referencio em FERREIRA (2009), que insere sua abordagem sobre trabalho doméstico indicando as intersecções entre gênero, classe e raça. Conforme aponta a autora, as pesquisas sobre trabalho doméstico, mais especificamente na década de 70 e 80 estavam monopolizadas em modelos fechados que só buscavam confirmar as bases teóricas utilizadas, impossibilitando a compreensão real de muitos desafios atuais.

Na análise dos dados, apresenta-se o caso de Dona Silma (63 anos, branca, trabalhadora doméstica por mais de 30 anos para a mesma família) e Tereza Esteves (89 anos, negra e sindicalizada).

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul v. 1, n. 1, 2017.

A rescisão realizada no Sindicato é o cancelamento e pagamento dos valores que devem ser pagos pelos patrões (as) de acordo com os anos trabalhados, férias e etc. O caso de Dona Silma foi uma rescisão conflituosa, em que estavam em jogo relações explícitas de poder. O advogado da família insistia em dizer que elas tinham uma relação de afeto, que ninguém ali iria abrir processos judiciais e que o cerne daquela situação seria o ato de negociar. Enquanto isso as sobrinhas discutiam por não aprovar a mediação da Presidenta do Sindicato, Ernestina. Silma não conseguia se expressar.

“Ernestina (Presidenta do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas) exigia que a própria trabalhadora falasse “Já que ela é assim, é essa mesmo que eu quero que fale hoje, aqui é lugar pra falar”, continua Ernestina, “Minha missão aqui é fazer trabalhador falar, não é de ser boazinha”. A provocação estava centrada no fato de impulsionar a trabalhadora a falar. Mas os patrões não queriam sair de perto”. (Diário de campo)

Silma Rheigantz trabalhou por mais de 30 anos para a determinada família. Passa por diversos problemas oftalmológicos, tem então que fazer uma cirurgia. Após a cirurgia, decide não mais trabalhar para a família, devido não só a falta de condições físicas, Silma também sentia muita tristeza. Existia o cansaço e quebra de laços afetivos desgastados com o tempo, como explica a própria trabalhadora, em entrevista. A patroa não aceita e realiza incansáveis ligações para a Silma voltar, ameaçando inclusive com o não pagamento do que deveria ser pago e a retirada da moradia concedida pela família.

Trata-se, portanto, de um processo amplo de reprodução da desigualdade. Porém, a dimensão desse processo que nos interessa é centrada especificamente num tipo de atividade ligada à esfera doméstica – o “trabalho reprodutivo”. Este trabalho é definido pela antropóloga Shellee Colen (1995:78) como o trabalho “físico, mental e emocional necessário para a geração, criação e socialização de crianças, assim como a manutenção de casas [households] e pessoas (da infância até a velhice)”. (BRITES, 2007: 94)

Em outro contexto, tivemos uma conversa duradoura com Dona Silma. Em sua nova casa, onde mora com sua irmã e duas sobrinhas. Seu quarto agora é uma garagem escura, localizada na periferia de Pelotas, onde se encontravam os móveis velhos guardados. Junto a sua irmã, ela me conta como está sua nova fase de vida. Muitos desafios são temas de nossa conversa. Depressão relacionada à decepção com a

família dos patrões e ao desgosto ao ter que finalizar os vínculos daquela forma. As únicas pessoas que Silma tem são as sobrinhas e a irmã, não teve filhos (as). As sobrinhas e a irmã falam sobre o distanciamento que tinham com Silma, pois em função do trabalho, mal conseguiam manter contato.

As relações de afeto entre patrões (as) e trabalhadoras domésticas não só perpassam vínculos que são constituídos entre estes, mas afetam também as relações com as famílias de origem. O trabalho doméstico inclui o cuidado com os filhos e outros membros das famílias dos patrões, podendo acarretar uma separação com as famílias de origem das trabalhadoras. Os casos de Silma e Terezinha, que trabalharam em média de 30 a 80 anos em uma só casa, retratam esta situação.

Tereza Esteves trabalhou desde a infância, até a velhice na mesma casa e quando saiu teria direitos a serem pagos, devido à nova legislação. Diz não ter acionado estes direitos “*Por consideração a família*”. Encontra-se doente, com câncer e não tem a proximidade com a família de origem, também não teve filhos (as). Hoje quem a cuida são as duas trabalhadoras domésticas contratadas pela família da patroa, a qual ela reitera por diversas vezes que se incomoda muito quando é apresentada como “patroa”. Mora em um apartamento alugado pela filha da patroa já falecida, mora com as cuidadoras que são atualmente a sua família.

Esta reflexão sobre afeto e trabalho em situações de negociação e rescisão de contrato de trabalho entre patrões e empregadas domésticas, centrada na experiência das trabalhadoras, tratou de evidenciar as ambiguidades destas relações como mecanismos de reprodução de contrastes do marco colonial.

Não obstante, a importância também está em situar o World System moderno/colonial, no papel de imposição e destruição da América. Sendo que os novos padrões de poder estão centralizados entre raça e trabalho. Para entender a precarização do trabalho doméstico na América Latina. Onde as formas históricas de controle do trabalho, de recursos em torno do capital e do trabalho mundial. Para

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 1, n. 1, 2017.

Quijano (2005:106) raça e trabalho foram sucedidos, entendendo que a colonialidade do poder se encontra com a divisão racial do trabalho.

O reconhecimento do afeto estabelecido entre patrões e trabalhadoras domésticas não opera no sentido da trabalhadora abdicar dos seus direitos. Ou seja, quando as trabalhadoras acionam o Sindicato, não significa o rompimento deste afeto e quebra de laços com a família dos patrões, o que gera uma série de consequências drásticas na vida dessas mulheres. Neste momento, também o afastamento das famílias de origem e os processos de reaproximação estão dramatizados e se recompõem nas trajetórias de Silma, suas sobrinhas e irmã e de Terezinha e suas cuidadoras.

Assim, o Sindicato aparece aqui como o principal mediador destes conflitos, é o Sindicato que contribui para muitas resoluções, colaborando para uma grande parcela de trabalhadoras domésticas que chegam, muitas vezes para debruçar suas mágoas e descontentamento com o trabalho. A conclusão deste trabalho sugere a importância da atuação do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pelotas, como suporte e ferramenta para o enfrentamento destes embates que são da ordem da política e dos afetos.

No cruzamento destas questões, temos a considerar que o Brasil, segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho) é o país com a maior organização sindical de trabalhadoras domésticas, sendo que essa luta protagonizada por sindicalistas trouxe para a categoria uma série de avanços e conquistas. A regulamentação do trabalho doméstico ainda não alcançou todos os âmbitos, por ser um trabalho que não tem fiscalização, por ser realizado na esfera privada, no íntimo das casas, muitas domésticas não têm acesso a estes avanços.

E, nesta situação, descobrem este novo cenário de direitos e as transformações da legislação quando procedem as rescisões dos contratos de trabalho no sindicato. Encerro com a fala de Dona Eva, a qual conta por diversas casas que passou e por não aguentar as humilhações, resolvia ir embora, mas sempre visualizando a

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 1, n. 1, 2017.

esperança, que se não é pela militância, como realiza a presidenta do Sindicato, Ernestina Pereira. No caso de Dona Eva, é pela fé.

“Liguei pro meu irmão e disse vem aqui que quero falar contigo, e ela (a patroa) no dia que fui, onde tu vai, e eu disse, vou me embora. E ela disse, tu vai voltar aqui ainda, e eu, não volto senhora, muito obrigado, fui embora. Dali eu penei bastante, casas onde era não podia comer, fazer comida, não via televisão, não tinha espaço pra dormir, meu quarto sem chuveiro, quase morri queimada, uma vez acendi uma vela e quando me acordei era só fumaça. E dentro dessas situações fui levando. Mas quando se acredita que a gente possa seguir, e que Deus tem uma plano maior, a gente vai em frente.” (13 de Setembro- Reunião do Projeto - Encontro com Dona Eva Maria Castro: Trajetória e percepções sobre a vida política)

Referências bibliográficas

BRITES, Jurema. **Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores.** Cadernos Pagu, 2007.

CARSTEN, K. **After Kinship.** Cambridge University Press: Cambridge, 2004.

FERREIRA, Jorgetânia. **Gênero, trabalho doméstico e identidades: o necessário diálogo.** Revista Fato&Versões. n.2 V. 1, p 17-32, 2009.

FONSECA, Cláudia. **Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação.** Revista Brasileira de Educação, n.10, p.58-78, 1999.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina.** In: **Anuário Mariateguiano.** Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: **LANDER, Egardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: Clacso, 2005.